

Uma contribuição à história do conceito de raça no México: José Vasconcelos e a “Raça Cósmica”

JOÃO GABRIEL DA SILVA ASCENSO*

1 Introdução

Este trabalho se insere em um estudo de maior abrangência, relativo à minha pesquisa de mestrado, a respeito da história do conceito de raça no México, um mapeamento das trajetórias e mudanças nos usos políticos e identitários desse termo em diferentes contextos, na primeira metade do século passado. “Raça” é um dos conceitos fundamentais na compreensão da realidade latino-americana durante boa parte dos séculos XIX e XX, constituindo uma chave de interpretação largamente difundida sobre a diversidade populacional e os processos de mestiçagem e hibridismo.

Durante a maior parte do século XIX, o uso desse conceito por parte da intelectualidade da América Latina se deu de maneira bastante afinada com os cânones do racismo científico europeu: a difusão da eugenia conjugada com medidas de favorecimento à imigração branca europeia, por exemplo, são marcas de uma concepção assimétrica da raça: existiriam raças “superiores”, que deveriam triunfar, e raças “inferiores”, que deveriam desaparecer gradualmente em nome do melhoramento populacional. Dizendo de outro modo, a categoria racial agia no sentido de construir e legitimar uma série de alteridades que, de diferentes modos, vinham se compondo desde o período colonial. Como afirma o sociólogo colombiano Santiago Castro-Gómez,

a espoliação colonial é legitimada por um imaginário que estabelece diferenças incomensuráveis entre o colonizador e o colonizado. As noções de “raça” e de “cultura” operam aqui como um dispositivo taxonômico que gera identidades opostas. O colonizado aparece assim como o “outro da razão”, o que justifica o exercício de um poder disciplinar por parte do colonizador. A maldade, a barbárie e a incontinência são marcas “identitárias” do colonizado, enquanto que a bondade, a civilização e a racionalidade são próprias do colonizador. (CASTRO-GÓMEZ, 2005: 177-178)

É notório que, ainda que os primeiros usos do conceito de raça, na Europa, datem do século XVII, sua utilização apenas se difunde largamente, na América Latina, durante a segunda

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ (PPGHIS) e bolsista do CNPq. E-mail: jgascenso@ig.com.br.

metade do século XIX, num contexto, portanto, em que a dominação política colonial europeia não era mais majoritariamente uma realidade. Mas o próprio racismo científico que influenciou a intelectualidade do continente, na busca de compreensão de suas populações, é, em muito, herdeiro do moderno colonialismo europeu, além de ter influenciado as práticas imperialistas que tomaram dimensões globais na virada do século XIX para o XX.

Foi em diálogo com esse contexto de utilização do vocabulário racial que se tornaram largamente difundidos os discursos auto-depreciativos na América Latina. Tornar-se “civilizado”, em muitos casos, assumia o primeiro plano dos horizontes de expectativa nacionais, o que queria dizer, no mais das vezes, tornar-se europeu. Nesse sentido, conceitos como os de modernização (em oposição ao atraso) e educação (em oposição à ignorância) ganhavam um papel de destaque no discurso intelectual, em meio às já referidas políticas de embranquecimento e práticas eugênicas.

No México, esse será o cenário marcante do chamado porfiriato, período entre 1876 e 1911, no qual o país foi governado pelo general Porfírio Díaz, e que termina com a sua renúncia em face dos eventos da Revolução Mexicana. Boa parte dos ideólogos do governo Díaz, os chamados “científicos”, defendia o positivismo comtiano e o spencerianismo, a partir de postulados baseados no determinismo biológico e no racismo. Ao mesmo tempo, a estreita relação com os Estados Unidos – que avançavam em suas pretensões expansionistas, depois de já haverem anexado boa parte do México durante a “Expansão para o Oeste” – fortalecia um ideal de civilização cada vez mais pautado pela referência estadunidense.

Nesse mesmo período, no entanto, parece se fortalecer um discurso que vai em direção contrária: boa parte da intelectualidade mexicana de fins do século XIX esforça-se em valorizar a mestiçagem – concebida como processo de “mistura de raças” – como um elemento constitutivo da identidade nacional (GERSTLE, 2008). Mesmo alguns políticos importantes dentro do sistema porfirista, como Justo Sierra, seguem nessa direção; de todo modo, é no seio dos intelectuais de oposição ao regime que a defesa da nacionalidade mestiça irá se proliferar de forma mais notável. Neste cenário, associações como o *Ateneo de la Juventud Mexicana* (melhor discutido mais à frente), terão um papel fundamental. Busca-se a ressignificação da identidade mexicana, valorizando seu caráter “cosmopolita”, “universal”, a partir da modificação no significado tradicionalmente atribuído ao conceito de raça.

Esse processo de reversão da condenação racial do México ganha seu grande impulso a partir dos diversos eventos que marcarão a Revolução Mexicana, a partir de 1910, e mais ainda durante a chamada Reconstrução dos anos 1920 e 1930, em que haverá um esforço sistemático no sentido de institucionalizar a nova identidade mestiça do México (GERSTLE, 2008; STEPAN, 2005). O mestiço será eleito o grande representante da homogeneidade nacional, herói mexicano por excelência e símbolo da pátria revolucionária. Dentro desse quadro, um intelectual em especial interessou-me: José Vasconcelos.

2 José Vasconcelos e a “raça cósmica”

Nascido em Oaxaca, México, em 1882, e formado em direito em 1907 na Faculdade de Jurisprudência, Vasconcelos teve seu mérito, inegavelmente, reconhecido na área das letras e das políticas educacionais. Em contato, desde antes de se formar, com a juventude intelectual que se opunha aos moldes positivistas dos ideólogos porfiristas (defendendo – e, em parte, construindo – os valores “nacionais mexicanos”), Vasconcelos é membro fundador do *Ateneo de la Juventud Mexicana*, em 1909. O conhecido corpo de intelectuais – que reuniu escritores como Pedro Henríquez Ureña e Alfonso Reyes Ochoa, o filósofo Antonio Caso e o pintor Diego Rivera, para citar apenas quatro – começa como um grupo que se reúne através de conferências para divulgar suas idéias humanistas, com influências que vão de Nietzsche a Émile Boutroux, passando pelo uruguaio José Enrique Rodó. Terminará por ser uma das associações intelectuais mais célebres de toda a América Latina.

Narrar brevemente a vida adulta de Vasconcelos é passar pelos momentos mais célebres da história política mexicana de inícios do século XX. Desde o eclodir da revolução, ele teve uma trajetória marcada pelo apoio a líderes políticos e o rompimento com os mesmos, seguidos de inúmeras fases de perseguição política e desterro. Entre 1920 e 1924, Vasconcelos vive os anos mais célebres de sua carreira, tendo assumido, até 1921, o cargo de reitor da Universidade Nacional e, posteriormente, de ministro de instrução pública. Nesse momento, ele empreende várias reformas e programas de difusão cultural no país, com o intuito de educar a população mexicana e promover as manifestações artísticas.

Presumivelmente, a reforma cultural e educacional que Vasconcelos leva a cabo se relaciona com o objetivo de fortalecer uma identidade diferente daquela marcante do

porfiriato – que desvalorizava o “tipicamente mexicano” na celebração do europeu ou, em último caso, do estadunidense. Nesse sentido, inúmeros festivais de música e danças populares foram promovidos, bem como o incentivo a uma produção literária que valorizasse o elemento nacional. Afora isso, o muralismo, estilo de pintura que se fez tipicamente mexicano nas primeiras décadas do século XX, ganhou um fôlego extraordinário, retratando temas como o povo do país e a revolução vitoriosa.

Apesar do sucesso de sua atuação no ministério, a relação desconfiada e, por vezes, conflituosa de Vasconcelos com Obregón (como ocorrerá também com Calles), e a reprovação ao assassinato do senador Field Jurado, em 1924, o levam a renunciar ao seu cargo. Vasconcelos, então, se envolve em uma série de eventos que inclui as tentativas de se lançar candidato ao governo do estado de Oaxaca e, posteriormente, à presidência do país, uma convocação popular fracassada à luta armada (o chamado *Plano de Guaymas*), e sucessivos exílios que se seguem até o ano de 1940.

Data de 1925 a publicação de seu famoso ensaio *La Raza Cósmica: misión de la raza iberoamericana*, na cidade de Barcelona, Espanha. Sua primeira parte (“*El mestizaje*”) descortina os principais elementos de sua teoria, enquanto a segunda (“*Notas de viaje*”) apresenta as suas observações a respeito de viagens feitas ao Brasil e à Argentina, momentos fundamentais na sua reflexão sobre o futuro do continente latino-americano.

A base da teoria de Vasconcelos se sustenta sobre o que o autor chama de “versão dos Impérios étnicos”, e parte da constatação de que houve, na história do mundo, uma sucessão de impérios que atingiram seu apogeu e, logo depois, decaíram, dando lugar a outros. Cada um desses impérios teria sido marcado pelo apogeu de uma raça específica:

Tenemos entonces las cuatro etapas y los cuatro troncos: el negro, el indio, el mogol y el blanco. Este último, después de organizarse en Europa, se ha convertido en invasor del mundo, y se ha creído llamado a predominar lo mismo que lo creyeron las razas anteriores, cada una en la época de su poderío. Es claro que el predominio del blanco será también temporal, pero su misión es diferente de la de sus predecesores; su misión es servir de puente. El blanco ha puesto al mundo en situación de que todos los tipos y todas las culturas puedan fundirse. La civilización conquistada por los blancos, organizada por nuestra época, ha puesto las bases materiales y morales para la unión de todos los hombres en una quinta raza universal, fruto de las anteriores y superación de todo lo pasado. [grifo meu] (VASCONCELOS, 2010: 5)

A essa quinta raça, Vasconcelos chama “raça cósmica”; ela surgiria a partir do processo historicamente conhecido como mestiçagem, que se caracterizaria pela fusão entre as quatro raças que a antecedem: a negra africana, a vermelha americana – ou índia –, a amarela asiática – ou mongol – e a branca européia. Esse movimento de fusão se daria a partir da ação de “ponte” da raça branca, ao invadir e conquistar vastas regiões do mundo. Mas é necessário fazer uma advertência: o processo de mestiçagem, para Vasconcelos, longe de ser puramente biológico é, sobretudo, um processo espiritual. O que está se misturando não é apenas o sangue de elementos raciais diferentes, mas o seu espírito. As qualidades desse espírito nunca serão definidas ao longo do ensaio, mas a ênfase no elemento metafísico reflete o caráter transcendental de sua proposição filosófica.

Cada raça teria a agregar qualidades positivas à nova raça em formação, e, ao mesmo tempo, teria defeitos que seriam gradativamente extintos graças ao processo de fusão racial. Esse processo, de todo modo, não poderia se dar em qualquer lugar, senão em um continente bem específico: a América Latina. Local historicamente afeito à mestiçagem e cosmopolita por natureza, a ele caberia a missão de servir de berço para o nascimento de uma nova humanidade. Nesse continente, a raça branca havia se fundido com a raça vermelha, dando origem a um novo tipo humano, que também se misturou, com o passar do tempo, com os negros e os amarelos.

Se, de acordo com a sua argumentação inicial, a raça branca européia seria a responsável por incorporar os elementos dissimiles na formação de uma nova raça, Vasconcelos faz uma ressalva: “*no fue Europa en conjunto la encargada de iniciar la reincorporación del mundo rojo a las modalidades de la cultura preuniversal, representada, desde hace siglos, por el blanco*” (com a categoria de “cultura pré-universal”, Vasconcelos define o estágio anterior ao da universalização que marcaria a formação da raça cósmica). “*La misión transcendental correspondió a las dos más audaces ramas de la familia europea: a los tipos humanos más fuertes y más disímiles: el español y el inglés*” (VASCONCELOS, 2010: 5-6). Mais à frente, para incluir na descrição do processo de conquista da América (origem da fusão racial sistemática), de um lado portugueses e, do outro, holandeses, Vasconcelos define esses dois ramos da família européia como “latinos” e “saxões”.

O que se segue, então, é uma descrição do que o autor chama de “luta secular entre latinos e saxões”, da qual o povo americano seria herdeiro até o presente momento. Cada um desses povos teria um estilo de civilização peculiar e uma forma diferente de lidar com o “elemento estranho” – as outras raças – durante o processo de colonização. São essas diferenças que devem garantir, segundo Vasconcelos, a vitória dos latinos sobre os saxões e sua função de protagonismo na gênese da raça cósmica.

Essa quinta raça, para o autor, nunca poderia surgir a partir da ação dos “saxões do Norte”, termo com o qual classifica os estadunidenses. Por mais que, ao longo dos últimos séculos, a porção latina da América tivesse se mostrado inferior, desunida, condenada ao fracasso – e que a explicação tradicional desse atraso o relacione à mestiçagem, que, unindo tipos humanos antagônicos, teria gerado um homem defeituoso –, Vasconcelos defende que é justamente essa composição mestiça que faria com que os latinos atingissem um patamar mais elevado do que o dos saxões, ainda que esse processo de fusão racial levasse tempo para “plasmar”, para mostrar seu potencial.

A humanidade futura haveria de se consumir justamente a partir da mistura biológica e espiritual que se processaria na América Latina. O “sentido histórico” da raça que se estaria formando no continente seria justamente o de levar a cabo a construção dessa nova humanidade, uma humanidade universalista a que se chegaria por meio da figura do mestiço. Aqui chegado, cabe investigar as qualidades que Vasconcelos atribui ao processo de mestiçagem e as dimensões políticas de sua proposta.

3 A figura do mestiço e as dimensões políticas do discurso vasconceliano

¿Qué importa que el materialismo spenceriano nos tuviese condenados, si hoy resulta que podemos juzgarnos como una especie de reserva de la Humanidad, como una promesa de un futuro que sobrepujara a todo tiempo anterior?
(VASCONCELOS, 2010: 32)

Com essas palavras, Vasconcelos anuncia a redenção do homem mestiço da América Latina – condenado pela ciência oitocentista, mas absolvido “cosmicamente” no plano histórico de construção de uma humanidade futura. Por ser o elo entre os quatro impérios étnicos e a raça cósmica, o mestiço aparece dotado de qualidades superiores, algumas ainda

por despertar. Isso porque cada uma das quatro grandes raças (negra, vermelha, amarela e branca) teria elementos positivos que seriam compartilhados no processo de fusão racial, ao passo que os negativos seriam deixados de lado.

É evidente que Vasconcelos, em certa medida, não escapa aos preconceitos que são próprios da concepção racial de seu tempo, mesmo que seu discurso aja no sentido de afirmar uma identidade fora dos padrões europeus. Dessa forma, a identidade mestiça proposta por ele reivindica-se, em grande parte – algumas vezes em sua maior parte –, como herdeira da Europa (sobretudo dos latinos, dos espanhóis), e a moral final que deve guiar a raça cósmica é, sem dúvida, a moral cristã, ao mesmo tempo em que negros, orientais e mesmo índios são descritos, diversas vezes, como tipos humanos inferiores que devem ser “regenerados”.

De todo modo, a figura do mestiço aparece reinventada na retórica vasconceliana, e essa reinvenção redentora acaba por redimir a própria América Latina, palco de sua missão. A esse mestiço caberia construir a nova civilização universal, cujo apogeu se manifesta na metáfora de se erguer, na região amazônica da América do Sul, uma cidade, *Universópolis*, da qual sairiam aviões e esquadras para levar as boas novas ao mundo todo.

As dimensões políticas desse discurso são claras: em primeiro lugar, nota-se a necessidade de fazer frente ao imperialismo estadunidense, que se sustentava fortemente sobre os postulados de inferioridade do homem mestiço, como destaca João Feres Júnior em seu trabalho sobre a história do conceito de *Latin America* nos Estados Unidos (FERES Jr., 2005). Relacionado a esse fator, tem-se a busca de fortalecimento de uma identidade nacional mexicana, dentro do que o historiador Jean Meyer chamou de “nacionalismo revolucionário” (MEYER, 2002). Em terceiro lugar, e inseparável dos dois primeiros, verificamos um esforço de unificar um país dividido após anos de guerra civil. Por mais que Vasconcelos raramente se refira diretamente ao papel do México na formação da raça cósmica, existe uma lógica metonímica em seu discurso: falar da genérica “América Latina” é definitivamente falar da nação mexicana. Nas “*Notas de viagem*”, por exemplo, o autor diversas vezes se refere a situação de atraso e desunião do México, que urge ser superada.

A respeito do imperativo de fazer frente ao poder expansionista do “vizinho do norte”, deve-se destacar que o próprio anúncio da vitória dos latinos sobre os saxões traz consigo a idéia de que o apogeu dos Estados Unidos não durará para sempre, pois suas bases são

frágeis: “*Los días de los blancos puros, los vencedores de hoy, están tan contados como lo estuvieron los de sus antecesores*” (VASCONCELOS, 2010: 13). Mais do que isso: “*Acabarán de formar los yanquis el último gran imperio de una sola raza: el imperio final del poderío blanco*” (VASCONCELOS, 2010: 17).

Identificando o imperialismo estadunidense como uma continuidade do imperialismo inglês (ambos incluídos na denominação “saxão”), Vasconcelos afirma que

[hacer] un mundo inglés; exterminar a los rojos, para que en toda la América se renueve el norte de Europa, hecho de blancos puros, no es más que repetir el proceso victorioso de una raza vencedora. Ya esto lo hicieron los rojos; lo han hecho o lo han intentado todas las razas fuertes y homogéneas [...]. (VASCONCELOS, 2010: 14)

Ou seja, segundo Vasconcelos, todo grande império de “raça pura”, ao longo da história, tentou se afirmar a partir do extermínio das outras raças. Essa parece ser a intenção do imperialismo norte-americano: “*[En el continente sajón] siguió imperando [...] el propósito confesado o tácito de limpiar la tierra de indios, mongoles y negros, para mayor gloria y ventura del blanco*” (VASCONCELOS, 2010: 15). O grande discurso legitimador do imperialismo seria justamente o argumento racial em seus moldes científicos oitocentistas, justamente o que Vasconcelos procura combater em todo o seu ensaio:

Todo imperialismo necesita de una filosofía que lo justifique [...]. Los británicos predicán la selección natural, con la consecuencia tácita de que el reino del mundo corresponde por derecho natural y divino al dolicocéfalo de las Islas y sus descendientes. [...] Cada raza que se levanta necesita constituir su propia filosofía, el deus ex machina de su éxito. Nosotros nos hemos educado bajo la influencia humillante de una filosofía ideada por nuestros enemigos, si se quiere de una manera sincera, pero con el propósito de exaltar sus propios fines y anular los nuestros. De esta suerte nosotros mismos hemos llegado a creer en la inferioridad del mestizo, en la irredención del indio, en la condenación del negro, en la decadencia irreparable del oriental. La rebelión de las armas no fue seguida de la rebelión de las conciencias. Nos rebelamos contra el poder político de España, y no advertimos que, junto con España, caímos en la dominación económica y moral de la raza que ha sido señora del mundo desde que terminó la grandeza de España [...]; pero ahora que se inicia una nueva fase de la Historia, se hace necesario reconstituir nuestra ideología y organizar conforme a una nueva doctrina étnica toda nuestra vida continental. Comencemos entonces haciendo vida propia y ciencia propia. Si no se liberta primero el espíritu, jamás lograremos redimir la materia. (VASCONCELOS, 2010: 29-30)

É no sentido de combater as teorias que legitimam a dominação imperialista e impedem a formação de verdadeiras identidades fortes na América Latina que Vasconcelos propõe “uma nova doutrina étnica”, que parta do próprio continente e que represente “vida própria e ciência própria”. Mas essa doutrina não deveria ter como base o cientificismo *stricto sensu*, pelo contrário, a razão científica é negada enquanto verdadeira forma de conhecimento. Se, por um lado, identificar a sensibilidade, o gosto estético e a vocação espiritual dos latinos (em oposição ao pragmatismo racional dos saxões) é nesse momento uma tendência em todo o continente, sobretudo a partir da publicação do **Ariel** de Rodó (HALE, 2001), desafiar o cientificismo é desafiar o maior legitimador dos discursos que condenam a América Latina ao atraso e à não-civilização. Na retórica de Vasconcelos, negar o conhecimento estritamente científico corresponde a reivindicar uma forma de conhecimento legitimamente americana.

4 A reinvenção do conceito de raça

Ao proclamar uma identidade mestiça para o México e para toda a América Latina, Vasconcelos se posiciona radicalmente contra as teorias que relacionavam a mestiçagem à ideia de degeneração. Na obra do autor, o mestiço é investido do cargo de harmonizador universal de todas as raças. Mais do que isso, sua atuação é considerada como fundamental para o surgimento da nova raça, a raça cósmica. A ideia de uma cultura mestiça passa a ser valorizada, dessa forma, não através da negação das tradições brancas europeias (historicamente associadas à ideia de civilização), mas de sua assimilação na construção de algo novo.

Ao fazer isso, Vasconcelos atribui ao próprio conceito de raça novas qualidades e possibilidades de significação. Realiza-se, nele, uma inversão semântica, que se opera em três direções principais:

1) Do plural para o singular. Se a função primeira do conceito de raça é separar grupos humanos distintos a partir da identificação de elementos que caracterizariam troncos raciais diferentes, Vasconcelos subverte essa lógica, ao afirmar que a finalidade real da existência de múltiplas raças e a sua harmonização na formação de uma única “raça cósmica” (ou seja, da

existência várias raças, chega-se ao anúncio de uma única raça, e é esse anúncio que confere sentido à diversidade que lhe antecede).

2) Do passado para o futuro. O campo semântico do conceito de raça, na obra de Vasconcelos, deixa de remeter a uma origem, um início, como indica a própria etimologia do termo – que remete a raiz, estirpe ou descendência (BARBUJANI, 2009) – para indicar a construção de um novo porvir. A raça cósmica só pode ser realizada no futuro, e é esse futuro que o autor reivindica como ponto de chegada de seu ideal de identidade.

3) De fora para dentro. Em Vasconcelos, a reivindicação do discurso racial não se dá mais a partir de um lugar de fala externo (pretensamente europeu ou estadunidense), recorrente entre os intelectuais mexicanos que se apropriavam do racismo científico para condenar a América Latina. Pelo contrário, ele assume um lugar de fala interno, ou seja, propõe explicitamente a construção de uma interpretação racial que seja “verdadeiramente” latino-americana, e que, portanto, possa ser utilizada a favor do continente.

É evidente que essas três direções estão contidas em uma direção mais geral, central, que norteia a própria inversão semântica em si: a direção do pólo negativo para o pólo positivo. Ou seja, se historicamente, no contexto das realidades latino-americanas, a ativação política do conceito de raça serviu para imbuí-lo de carga semântica negativa (através das assimetrias que ele produziu), essa carga terá sua polaridade invertida por Vasconcelos e passará a denotar um aspecto positivo, assumido identitariamente.

É a partir da inversão semântica do conceito de raça (possível a partir da construção do neologismo “raça cósmica”) que Vasconcelos propõe a invenção de uma nova identidade: uma identidade mestiça que abarca toda a América Latina e que, metonimicamente, alude a todo instante à realidade do México e ao contexto do país após os conflitos que marcaram a Revolução Mexicana. Através de um novo uso político da “raça”, Vasconcelos busca percorrer o longo caminho que levará à unidade e à harmonia, harmonia que só pode se realizar no futuro anunciado, mas que pretende cumprir no presente o fortalecimento de uma identidade autóctone, cosmopolita e eminentemente mestiça.

Referências

ALTAMIRANO, Carlos (dir.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. Madrid: Katz, 2008.

ANDREWS, George Reid. **América Afro-Latina, 1800-2000**. São Carlos: EdUFSCar, 2007.

BARBUJANI, Guido. **A invenção das raças**. São Paulo: Contexto, 2009.

BRADING, David A. Nacionalismo y Estado en Hispanoamérica. *In*: AMORES, Juan Bosco *et alii*. **Iberoamérica en el Siglo XIX: Nacionalismo y Dependencia**. Pamplona: Ediciones Eunete, 1995, p. 55-77.

CAMÍN, Héctor Aguilar; MEYER, Lorenzo. **À sombra da Revolução mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989**. São Paulo: EDUSP, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *In*: **Topoi: Revista de História**, n.1. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2000.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 169-186.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. O postulado da superioridade branca e da inferioridade negra. *In*: FERRO, Marc (org.). **O livro negro do colonialismo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 752-753.

FERES Jr., João. **A história do conceito de *Latin America* nos Estados Unidos**. Bauru: EDUSC, 2005.

_____; JASMIN, Marcelo Gantus (orgs.). **História dos Conceitos: diálogos transatlânticos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2007.

GERSTLE, Gary. Raça e nação nos Estados Unidos, México e Cuba, 1880-1940. *In*: PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H. (orgs.). **Nacionalismo no Novo Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 409-450.

HALE, Charles A. As ideias políticas e sociais na América Latina, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie (org). **História da América Latina**, volume IV: de 1870 a 1930. São Paulo/Brasília: Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado (SP)/Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.

HERZOG, Jesús Silva. **Breve Historia de la Revolución Mexicana**, volume I: los antecedentes y la etapa maderista. México (DF): Fondo de Cultura Económica, 1972.

_____. **Breve historia de la Revolución Mexicana**, volume II: la etapa constitucionalista y la lucha de facciones. México (DF): Fondo de Cultura Económica, 1972.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

MEYER, Jean. O México: Revolução e Reconstrução nos anos 1920. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina**: volume 5, de 1870 a 1930. São Paulo: Edusp, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

VALDÉS, Eduardo Devés. **El pensamiento latinoamericano en el siglo XX**: entre la modernización y la identidad, tomo I: del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos/Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

VASCONCELOS, José. **La otra Raza Cósmica**. Oaxaca de Juárez: Almadía, 2010.

_____. **La Raza Cósmica**. México (DF): Editorial Porrúa, 2010.

_____. Ulises Criollo. In: _____. **Memorias** (tomo 1). México (DF): Fondo de Cultura Económica, 2007.